

LÍNGUA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: OS NOMES PRÓPRIOS DOS POVOADOS DA CIDADE DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL

Pedro Antonio Gomes de Melo¹
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)
Petrus2017@outlook.com

Resumo

Ao nomear os aglomerados humanos, o homem constitui um recorte do léxico toponímico em termos de sua funcionalidade descritiva ou narrativa, estabelecendo uma conexão línguo-cultural entre a localidade e o nome a ela atribuído, em que as partes formam um todo representativo. Assim, língua e cultura, em processo simbiótico, exprimem-se nestas unidades lexicais. Sob esse olhar, este trabalho objetiva refletir e descrever a prática de nomeação dos atuais e oficiais nomes próprios atribuídos aos povoados pertencentes à cidade de Palmeira dos Índios/AL. E ainda, apresentar uma análise toponomástica dos referidos topônimos, em perspectiva sincrônica, sem prejuízo das considerações diacrônicas pertinentes. Filia-se à área dos estudos de Descrição Linguística, mais precisamente em interface com a Toponímia. Após as análises dos dados, atestamos a ocorrência de taxas toponímicas, tanto de natureza física como de natureza antropocultural, relacionadas às motivações dos nomes dos povoados. Quanto à origem etimológica e às estruturas lexicais, registramos a presença de elementos específicos simples, específicos compostos e compostos híbridos. Sendo os topônimos caracterizados como elementos específicos compostos de étimo latinos os mais recorrentes na toponímia estudada. E mais, identificamos que a religiosidade e as características da constituição mineral do solo da região de Palmeira dos Índios/AL, na qual o topônimo, em processo denominativo, está inserido foram os fatores condicionantes mais recorrentes para as escolhas lexicais dos nomes dos povoados pertencentes a esse município do Agreste Alagoano.

Palavras-chave: Linguística; Léxico; Topônimo; Palmeira dos Índios.

Introdução

Ao nomear os aglomerados humanos (cidades, vilas, povoados, lugarejos etc.), o homem constitui um recorte do léxico toponímico em termos de sua funcionalidade descritiva ou narrativa, estabelecendo uma conexão línguo-cultural entre a localidade e o nome a ela atribuído, em que as partes formam um todo representativo. Assim, língua e cultura, em processo simbiótico, exprimem-se nestas unidades lexicais.

Nesta perspectiva, cultura é compreendida como um conjunto de ideias, tradições, conhecimentos e práticas individuais e sociais, projetados na língua de um povo. E ainda, o ato de nomear lugares como atividade significativa ao homem como forma de entender a realidade circundante. Essa prática verbal é dinâmica, culturalmente constituída e

¹Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutorando em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente, professor assistente da Universidade Estadual de Alagoas, campus III (UNEAL).

socialmente situada. No sentido pragmático, talvez possamos dizer que sirva, também, para facilitar o cotidiano e o deslocamento do homem em seu meio.

Daí o interesse de refletirmos, neste artigo, como o homem, alocado num dado espaço físico de Alagoas, Palmeira dos Índios, tendo a sua disposição várias possibilidades de escolhas lexicais, nomeou os 7 (sete) povoados constitutivos desse município do agreste alagoano.

Estas escolhas toponímicas podem receber influências linguísticas e extralinguísticas, podendo ser únicas ou combinadas, representando uma projeção aproximada do real e evidencia a realidade do ambiente físico e antropocultural de uma dada região na medida em que revela características da vegetação, hidrografia, fauna, condições de solo e relevo, como também crenças, ideologias, fatos políticos, culturais, históricos e linguísticos. Em outros termos, Melo (2016, p.43) explica-nos que:

Os estudos toponímicos compõem um caminho para o conhecimento de modo de vida das comunidades linguísticas que ocuparam um determinado ambiente geográfico, histórico e cultural, no momento que um sujeito-nomeador determina um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí, tendências sociais, políticas, religiosas, culturais, entre outras.

É sob esse olhar que objetivamos apresentar um retrato onomástico-toponímico dos atuais e oficiais nomes próprios dos povoados pertencentes à cidade de Palmeira dos Índios/AL, onde está localizado o campus III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), com a finalidade de compreendermos melhor o ambiente, no qual a referida IES está situada, uma vez que os topônimos não são meros marcos referenciais. Na verdade, eles revelam muito da história sociocultural de determinado(s) grupo(s).

Conforme (IBGE, 2016), uma localidade consiste em todo lugar do território nacional onde exista um aglomerado permanente de habitantes, podendo ser classificados como: Capital Federal, Capital, Cidade, Vila e Aglomerado Rural (Aglomerado Rural de Extensão Urbana e Aglomerado Rural Isolado, Povoado, Núcleo e Lugarejo). Para este artigo, interessa-nos apenas traçar o perfil toponomástico dos nomes atribuídos aos povoados da cidade de Palmeira dos Índios.

Por conseguinte, o recorte denominativo que constituiu o *corpus* deste estudo foram 7 (sete) nomes de povoados, na sincronia atual, inventariados junto ao banco de dados do IBGE (2016), que conforme o Censo Demográfico de 2010 correspondem à totalidade dos povoados pertencentes à cidade de Palmeira dos Índios/AL.

Quanto às questões teórico-metodológicas, filia-se à base teórica dos estudos de Descrição Linguística em interface com a Toponímia, utilizamos, além de estudos bibliográficos, a pesquisa de campo por meio de entrevistas orais a moradores mais antigos das localidades. que corroboraram a análise diacrônica dos fatos onomásticos.

Por fim, destacamos que mesmo o léxico geral sendo objeto de interesse de pesquisadores das áreas de Letras e Linguística no Brasil, em correntes diversificadas, quer diacrônicas quer sincrônicas, e ainda registrarmos estudos sobre a Toponímia Brasileira na literatura contemporânea. Afirmamos que ainda há poucas investigações sobre o léxico geral usado em Alagoas e, menos ainda, sobre o léxico toponímico alagoano.

Dito isso, inferimos que a dinâmica de constituição e o modo de funcionamento do léxico toponímico dos povoados alagoanos é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção, como também não há registros da memória toponímica destes nomes. Daí se justifica a realização deste artigo.

O município alagoano de Palmeira dos Índios e seus povoados: situando o universo da pesquisa

Alagoas é recortada em 102 municípios, distribuídos em três mesorregiões geográficas (Agreste Alagoano, Leste Alagoano e Sertão Alagoano) e ainda, em 13 microrregiões geográficas: 1 A microrregião de Palmeira dos Índios, 2 A microrregião de Arapiraca, 3 A Microrregião de Traipu, 4 A Microrregião do Litoral Norte Alagoano, 5 A Microrregião de Maceió, 6 A Microrregião da Mata Alagoana, 7 A Microrregião de Penedo, 8 A Microrregião de São Miguel dos Campos, 9 A Microrregião Serrana dos Quilombos, 10 A Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, 11 A Microrregião de Batalha, 12 A Microrregião de Santana do Ipanema e 13 A Microrregião Serrana do Sertão Alagoano, apresentando apresenta características bastante particulares, constitutivas dessas mesorregiões e microrregiões, tanto no que diz respeito aos aspectos de ordem geofísicos quanto aos de ordem socio-históricos. Logo, oferece um léxico toponímico muito singular com influências diversas.

A cidade de Palmeira dos Índios está localizada na Mesorregião geográfica do Agreste Alagoano, situada na Microrregião geográfica de Palmeira dos Índios em Alagoas, é considerado um dos mais importantes municípios do estado, sendo o terceiro em população.

Esse município tem sua origemem um aldeamento dos índios Xucurus. Estes, junto com os Cariris, ali se estabeleceram em meados do século XVII, entre o brejo da Cafurna e a Serra da Boa Vista, tangidos pela perseguição dos colonizadores.

Segundo a tradição, no local era comum a existência de palmeiras e, por isso, lhe foi dado o topônimo de Palmeira dos Índios, caracterizando seu nome, no modelo teórico taxionômico toponímico apresentado por Dick (1990), como um fitotopônimo. Entretanto, existe também uma lenda a respeito da origem de seu signo toponímico. Trata-se de uma narrativa epopeica sobre o romance proibido do casal de índios *Tilixi* e *Tixiliá*.

Conta-se que *Tixiliá* estava prometida ao cacique *Etafé*, mas era apaixonada pelo primo *Tixili*. Um beijo proibido condenou *Tixili* à morte por inanição. Ao visitar o amado, *Tixiliá* foi atingida por uma flecha mortal de *Etafé*, falecendo ao lado de seu amado primo. No lugar, como um verdadeiro marco do trágico episódio, nasceu uma palmeira, que passou a simbolizar o intenso amor do jovem casal indígena. Daí por diante, o lugar ficou conhecido pelo topônimo de Palmeira dos Índios.

Atualmente, Palmeira dos Índios ocupa terras que um dia foi aldeia dos índios Xucurus. Foi criada comfreguesia em 1798 e transformada em vila em 1835. Na década de 1840, uma disputa política brutal entre famílias, causando dezenas de assassinatos, provocou o êxodo que praticamente esvaziou a vila. Anexada então a Anadia, Palmeira dos Índios só recuperou a autonomia anos mais tarde.

Em 1889, a vila foi elevada à categoria de cidade. Entre 1928 e 1930 a prefeitura foi ocupada pelo escritor Graciliano Ramos (nascido na cidade de Quebrangulo, em Alagoas), que incluiu fatos do cotidiano da cidade em seu primeiro romance, *Caetés* (1933). Palmeira dos Índios está distante 133 km da capital do estado, Maceió.

A Universidade Estadual de Alagoas, campus III, está localizada na terra dos índios Xucuru-Kariri, no agreste alagoano, conhecida por sua cultura, atualmente, destaca-se por ser um polo educacional da região concentrando algumas Instituições de Ensino Superior públicas e privadas, entre elas a UNEAL. Situada às margens da Rodovia AL-115, km 03 na saída para cidade de Arapiraca.

O Campus III passou a funcionar em sua sede própria em fevereiro de 2009 e, desde então, há uma luta constante para melhorar suas condições de funcionamento trazendo melhores condições para o desenvolvimento das atividades acadêmicas para seus alunos, professores e servidores.

O município de Palmeira dos Índios é constituído, segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE, por 2 (duas) vilas: Caldeirões de Cima e Canafístula, e mais 7 (sete)

povoados. A saber, (01) Bonifácio, (02) Coruripe da Cal, (03) Lagoa do Caldeirão, (04) Lagoa do Canto; (05) Lajes do Caldeirão, (06) Riacho Santo e (07) Santo Antônio.

Diferentemente dos municípios e vilas que são criados a partir de Leis e apresentam farta documentação escrita, os povoados, geralmente, não têm registros escritos para explicar sua origem. Sendo assim, as histórias dos nomes dos povoados alagoanos se constituem numa memória toponímica que, normalmente, são contadas por populares, passadas de geração a geração que viveram no nascente povoado, na época, e foram repassando os relatos orais para outras gerações.

Com efeito, a área da Onomástica-Toponímia pode contribuir para a recuperação e registro das histórias populares que narram o surgimento, a mudança ou permanência dos nomes de povoados em Alagoas. Nas palavras de Dorion (1984, p.103), a toponímia se situa “em uma dupla dimensão: a do espaço (denominada também ‘função toponímica’) e a do tempo (a ‘memória toponímica’).

Daí a relevância de um registro das narrativas de moradores antigos que contam a origem e as motivações toponímicas desses aglomerados rurais que nos permitem a (re)construção das histórias desses povoados alagoanos.

Conforme o IBGE (2016), os povoados consistem localidades que tem a característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e 2 (dois) dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um) estabelecimento de ensino fundamental em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. E mais, correspondem a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela.

Cumpramos frisarmos que o interesse principal deste estudo não são os povoados em si mesmos, mas a estrutura signífica toponímica, os possíveis sentidos atribuídos a seus nomes próprios e suas possíveis motivações presentes numa memória toponímica de Alagoas.

Seguindo essa linha de pensamento, estudarmos os topônimos designativos dos povoados de Palmeira dos Índios e suas marcas implícitas e explícitas, pode revelar como os falantes se valem da língua em sua multimodalidade para representar o mundo a sua volta. Com efeito, podemos desvendar os sistemas de crenças e valores subjacentes ao léxico toponímico usado em Alagoas, e retratarmos, pelo menos em parte, a história

língua-cultural da constituição lexical da Língua Portuguesa no país, em particular na região nordeste do Brasil.

Estas características regionais possibilitam que um dado núcleo de povoamento tenha uma identidade, sendo este ambiente identitário uma realidade construída ao longo do tempo pela comunidade que ali se formou.

Sendo assim, quando consideramos as motivações línguo-culturais, quer dizer, língua e cultura em processo simbiótico, para uma dada escolha toponímica, o nome de lugar deixa de ser apenas um locativo de marcação ou identificação espacial “para se transformar em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos”. (DICK, 1996, p.337). Logo, o topônimo não deve ser interpretado semanticamente por seu sentido próprio, mas concomitante com suas referências motivacionais necessárias a sua compreensão em seu contexto social e cultural refletidos nesse sistema onomástico toponímico.

Referencial teórico

A Onomástica (do grego antigo *ὀνομαστική*, ato de nomear, dar nome) é uma ciência que integra a Linguística, mais particularmente as pesquisas lexicais, caracterizando-se pelo estudo dos nomes próprios em geral e possui duas subáreas de investigação: a Toponímia e a Antroponímia. Esta tem como objeto de estudo o nome próprio de pessoas (antropônimo) e aquela tem como objeto de estudo o nome próprio de lugar (topônimo).

A pesquisa toponímica compreende ao “estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p.18). Essa área de investigação se desenvolve em uma linha documental e/ou de campo, seguindo o método onomasiológico, em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do *corpus*. Segundo Tavares e Isquardo:

Na dimensão linguística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxes predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos. (2006, p.3)

Os atuais estudos da Onomástica-toponímica no Brasil vêm propondo resgatar a história social contida nos nomes de uma determinada região, “partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão”. (CARVALHINHOS, 2002/2003, p.172). Neste artigo, buscamos seguir esse percurso em nossas análises.

Toponímia e Onomástica se encontram em uma relação de inclusão. Assim, é lícito considerarmos a Toponímia “como um complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (DICK, 1990, p.35/36). Constituindo-se em uma área dinâmica e de caráter interdisciplinar.

O topônimo, em sua bipartimentação motivacional física e antropocultural, consiste no signo linguístico em função onomástica toponímica designativa de um espaço geográfico e/ou humano, “identificar acidentes geográficos [ou humanos], significando, é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do signo toponímico” (DICK, 1990, p.365). Com efeito, estudá-lo é compreendê-lo em suas diversas potencialidades, identificando as razões que fazem com que o falante escolha um nome, dentro de um eixo de possibilidades sêmicas para designar um lugar.

O signo toponímico compreende dois termos: o primeiro chamado de elemento genérico que é relativo à entidade geográfica que será denominada identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes e o segundo termo é o elemento específico que se refere ao denominativo, é o topônimo propriamente dito, é o que particulariza a noção espacial. Por exemplo: Lagoa do Canto/AL = Lagoa (elemento genérico) + do Canto (elemento específico).

Para o estudo das motivações toponímicas dos nomes dos povoados de Palmeira dos Índios/AL, adotamos o modelo teórico apresentado por Dick (1990, com seus desdobramentos práticos em 1996, 2004) denominado de Sistema Toponímico Taxionômico., por entendermos que se trata de obra basilar a partir da qual foi desencadeada a expansão e consolidação dos estudos toponímicos no Brasil.

Nessa proposta taxionômica, a referida autora agrupa os nomes de lugares a partir de suas motivações, englobando-os em 27 taxes explicativas ou categoremias toponímicas, distribuídos em dois grupos, conforme a natureza motivacional: 11 taxes relacionadas ao ambiente natural, denominadas de taxionomias de natureza física; e 16 taxes ligadas ao homem e sua relação com a sociedade e sua multiculturalidade, denominadas de taxionomias de natureza antropocultural.

O termo *taxe* corresponde à identificação e classificação genérica dos fatos cósmicos de duas ordens de consequência: a física e a antropocultural, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras dos locativos.

Sistema Toponímico Taxionômico: taxes de natureza física

a) Astrotopônimos: nomes de lugares relativos aos corpos celestes em geral, Estrela de Alagoas/AL; b) Cardinotopônimos: nomes de lugares relativos às posições geográficas em geral, Santa Luzia do Norte/AL; c) Cromotopônimos: nomes de lugares relativos à escala cromática, Mar Vermelho/AL; d) Dimensiotopônimos: nomes de lugares relativos às dimensões dos acidentes geográficos, Campo Grande/AL; e) Fitotopônimos: nomes de lugares relativos à flora, Genipapo/AL e f) Geomorfotopônimos: nomes de lugares relativos às formas topográficas, Morro Vermelho/AL.

E ainda, g) Hidrotopônimos: nomes de lugares relativos a acidentes hidrográficos em geral, Olho d'Água das Flores/AL; h) Litotopônimos: nomes de lugares relativos aos minerais e à constituição do solo, Areia Branca/AL; i) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos, Lagoa da Trovada/AL; j) Morfotopônimos: nomes de lugares relativos às formas geométricas, Volta Redonda/RJ e l) Zootopônimo: nomes de lugares referentes aos animais, Carneiros/AL.

Sistema Toponímico Taxionômico: taxes de natureza antropocultural

a) Animotopônimos: nomes de lugares relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, Feliz Deserto/AL; b) Antropotopônimos: nomes de lugares relativos aos nomes individuais, Delmiro Gouveia/AL; c) Axiotopônimos: nomes de lugares relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais, Senador Rui Palmeira/AL; d) Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes, Palestina/AL; e) Cronotopônimos: nomes de lugares relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo (a), velho (a), Brejo Novo/AL; f) Ecotopônimos: nomes de lugares relativos às habitações em geral; Tapera/AL; g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material, Canoas/AL; h) eEtnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas) Palmeira dos Índios/AL.

E mais, i) Dirrematopônimos: nomes de lugares constituídos de frases ou enunciados linguísticos, Pé Leve Velho/AL; j) Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos

locais de culto, Capela/AL. Essa categoria subdivide-se em: i.) Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano, São Sebastião/AL. ii.) Mitotopônimos: entidades mitológicas, Exu/PE; l) Historiotopônimos: nomes de lugares relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas, Batalha/AL; m) Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural, Pontes/AL; n) Numerotopônimos: nomes de lugares relativos aos adjetivos numerais, Dois Riachos/AL; o) Poliotopônimos: nomes de lugares relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial, Vila Aparecida/AL; p) Sociotopônimos: nomes de lugares relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos, Porto de Pedras/AL; q) Somatopônimos: nomes de lugares relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal, Pescoço/AL.

Com base em tais pressupostos, investigamos os nomes de povoados da cidade de Palmeira dos Índios/AL, nos quais se estabelecem uma conexão línguocultural entre a localidade e o topônimo atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo, buscando relacioná-los aos atos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia dos aglomerados rurais isolados alagoanos.

Análise e discussão dos dados

Nesta secção, apresentamos as análises qualitativa e quantitativas dos dados que constituíram o *corpus* deste estudo.

Os nomes dos povoados serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas, para facilitar a leitura e a compreensão das fichas apresentamos a seguir um modelo, seguido de uma descrição de cada um de seus constituintes.

Modelo adaptado de Dick (2007): fichas lexicográfico-toponímicas

Topônimo – Considera o estudo do nome dos povoados constituintes da cidade de Palmeira dos Índios/AL.

Etimologia - Trata da origem etimológica, das categorias gramaticais e da explicação de seu significado por meio da análise diacrônica dos elementos que as constituem. É o estudo da composição dos vocábulos e das regras de sua evolução histórica. Serão consultadas as obras de Cunha (1986) e Tibiriçá (1984)

Taxionomia – As taxes toponímicas permitem interpretar os nomes dos povoados com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropocultural. Será seguido o modelo apresentado por Dick (1990 e posteriores).

Estrutura Morfológica – O nome de povoados será dividido em três grupos: elemento específico simples, elemento específico composto e elemento específico híbrido. Nesse item, apresenta-se uma descrição no plano morfológico do topônimo, caracterizando-o

em unidades mínimas de significação: morfemas lexicais e gramaticais.

Informações Enciclopédicas – Levantamento da história dos nomes dos povoados na base do IBGE e/ou por outros meios como: decretos, livros e via web. E ainda, a partir de relatos orais

Fonte – Serão creditados às fontes de consultas (informantes, autores, obras e sites), nos quais as pesquisas foram realizadas.

Estas fichas são necessárias para a interpretação dos designativos das localidades, em virtude de conter vários campos conceituais (localização, etimologia, informações lexicais e enciclopédicas, etc.) que fornecem dados relevantes sobre cada nome de povoado da cidade de Palmeira dos Índios/AL. Daí a importância de considerarmos também questões mais abrangentes de natureza extraverbal nas análises dos nomes dos povoados possibilitando uma melhor compreensão dos processos denominativos expressos na toponímia de aglomerados humanos de Alagoas

As fichas toponímica-lexicográficas dos povoados pertencentes à Palmeira dos Índios/AL

O vínculo antroponímico entre o linguístico e o cultural pode ser percebido na Toponímia Alagoana quando se identifica antropotopônimos na função onomástica de designar povoados da cidade de Palmeira dos Índios, como no caso (01) apresentado abaixo.

01 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DO POVOADO BONIFÁCIO

Taxionomia: Antropotopônimo; **Topônimo:** Bonifácio

Etimologia: *sm.* Do lat. (1844) *bonificare* ‘bonificação, bonificar’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *bonific-* + morfema derivacional *-(i)o*

Informações Enciclopédicas: Segundo a tradição popular, o nome do povoado Bonifácio faz referência a uma cura que marcou toda a comunidade. No dizer do morador João Inácio da Silva, numa época não tão distante, houve uma epidemia da chamada febre/doença do rato. Esta enfermidade ocasionou uma imensa mortandade na população do povoado. Para tentar reverter essa situação, o padre da região tomou a iniciativa de fazer uma promessa para São Sebastião. Ao passar dos tempos a doença, de fato, acabou. Então, o padre fez valer o voto da promessa e determinou que a primeira mulher que desse à luz, e caso a criança fosse do sexo masculino, seria batizado com o nome de Bonifácio. Após um tempo, dona Maria Gonzaga engravidou e deu à luz ao um menino, cumpriu a promessa e pôs no filho o nome de Bonifácio. Assim, nomeando o filho e, conseqüentemente, o povoado também.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

Nesse caso (01), esse nome próprio individual atribuído ao povoado Bonifácio faz parte de um vocabulário linguístico-histórico. Nele podemos encontrar dados que se inter-relacionam com a toponímia e a história cultural popular da localidade, pois é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possa recuperar a realidade sócio-histórico-cultural de um povo. No caso em tela, o cumprimento de uma promessa e, conseqüentemente, determina, por associação antroponímica, essa representação.

Os antropônimos são “herdados dos ancestrais e por eles transmitidos às gerações subsequentes, os sobrenomes reproduzem, através dos séculos, signos onomásticos estreitamente relacionados à vida das pessoas” (FROSI, 2009, p. 410) Estas representações semânticas intencionais estão ligadas às dadas motivações extralinguísticas e revelam traços socioculturais da identidade do povo alagoano mediante as particularidades consubstanciadas no signo toponímico e no conteúdo simbolizado por ele a ser interpretado pela comunidade.

Nos casos seguintes (02) e (03), temos, diferentemente do caso (01), uma motivação toponímica de natureza física em que o quadro natural do núcleo habitacional do povoado funciona como fator condicionante. Nesse sentido, registramos dois designativos categorizados como litotopônimos, ou seja, nomes de lugares que fazem referência aos minerais ou à constituição do solo da região na qual está inserida o povoado em questão.

02 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DO POVOADO CORURUPE DA CAL

Taxionomia: Litotopônimo; **Topônimo:** Coruripe da Cal

Etimologia: *sm.* Do tup. *Cururugy* ‘rio dos sapos’, segundo frei Vicente Salvados, cronista colonial, apud (TIBIRIÇA, 1985). Já, conforme o professor Silveira Bueno, autor do vocabulário tupi-guarani-português, quer dizer *Cu-ru-ry-pe*, rio dos seixos, apud (TIBIRIÇA, 1985); *sf.* Do lat. XIII vulg. *cals* (*cláss. calx, -cis*) ‘substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias, usada nas argamassas’. (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *corurip-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-e*; forma dependente *de+a*; morfema lexical *cal*

Informações Enciclopédicas: a motivação do nome do povoado Coruripe da Cal está relacionada a dois fatores, a saber: a fabricação da cal, substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias e o Rio Coruripe. Elois Moura de Oliveira, morador que nasceu e se criou no povoado, conta que em aproximadamente há 20 anos, havia vários fornos que serviam para extrair a cal das pedras calcárias existentes na localidade. As pedras eram queimadas e daí se tinha aquele líquido branco, denominado de cal, o qual serve para pintar as casas. Ainda, conforme Elois Moura a cal era a principal fonte de renda

da comunidade. Nesta época, segundo o morador, o povoado tinha ocupação para todas pessoas do lugar. A cal também era vendida para várias cidades de Alagoas, como também para outros estados, como Pernambuco. Como o Rio Coruripe corta o povoado, ele também serviu de motivação toponímica para o nome do núcleo do povoamento, Assim, nomeado o povoado pelo topônimo de Coruripe da Cal.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi:** significado dos nomes geográficos de origem tupi. Brasil: Traço, 1985.

Neste caso (02), em termos de sua funcionalidade descritiva, atestamos a importância do *habitat*, mais precisamente a substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias, encontrada, à época, em abundância na região do povoado, denominada de cal.

A categoria toponomástica dos litotopônimos – nome de lugar relativo à constituição do solo - reflete a relação entre linguístico e mundo biossocial, quando o nomeador resgata aspectos naturais da região ligados à constituição do solo.

03 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DO POVOADO LAJES DO CALDEIRÃO

Taxionomia: Litotopônimo; **Topônimo:** Lajes do Caldeirão

Etimologia: *sf.* XIII De origem controversa *lagea* ‘pedra de superfície plana, lousa’; *sm.* Do lat. XVI *caldārius* ‘alimento líquido à base de água’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *laj-* + morfema gramatical aditivo de número *-es*; forma dependente *de+o*; *+sm.* Do lat. XVI *caldārius* ‘alimento líquido à base de água’ (CUNHA, 1986)

Informações Enciclopédicas: A nomenclatura do presente povoado tem sua origem marcada pelas pedras que estão por toda parte da localidade. O morador Expedito Jiló da Silva conta que o principal motivo de se chamar Lajes do Caldeirão é justamente por causa das ditas pedras, as quais todos daquela comunidade chamam de lajes. Devido à proximidade com o povoado vizinho, Lagoa do Caldeirão, houve uma unificação das nomenclaturas. Segundo o senhor Expedito, quando as pessoas chegavam questionando sobre a comunidade vizinha, os moradores respondiam: “o caldeirão é aqui, mas a laje é mais na frente uma légua”. Desse modo, aconteceu, naturalmente, a unificação de ambos os nomes. Portanto, se tem o povoado Lajes do Caldeirão devido as pedras/lajes que estão por toda parte, como também o sobrenome da localidade vizinha dando origem ao povoado Lajes do Caldeirão.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

É importante considerarmos, nos casos (02) e (03), o relevante papel das características ambientais do território alagoano como fonte motivadora na escolha lexical.

Esses nomes se revestem de função onomástica e passam de signo linguístico a toponímico, designando um acidente humano. Em outras palavras, eles passam do significado lexical para o significado onomástico marcado pelas relações identitárias da região.

Essa via de reflexão permite-nos dizer, também que os signos toponímicos são (re)semantizados e (re)adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear, assim o denominador resgata aspectos naturais da constituição mineral do solo da localidade de Palmeira dos Índios/AL como fator influenciador para sua seleção lexical.

Nos casos (02) e (03), podemos considerar que os nomes dos povoados: Coruripe da Cal e Lajes do Caldeirão, enquanto litotopônimos, são signos toponímicos transparentes, representando uma projeção aproximativa do mundo real.

É nessa acepção que afirmamos que o signo toponímico se contrapõe ao signo linguístico pela sua motivação. Porém não há uma relação direta entre linguagem e mundo, e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente.

No âmbito dos fitotopônimos, aqui registrado pelo caso seguinte (04), percebemos que o denominador resgata aspectos da flora da região a ser nomeada confirmando a importância da vegetação na vida do homem local.

04 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DE LAGOA DO CALDEIRÃO

Taxionomia: Fitotopônimo; **Topônimo:** Lagoa do Caldeirão.

Etimologia: *sm.* Do lat. XIII *lacuna*, de *lăcus* ‘porção de água circundada por terras’ + *sm.* Do lat. XVI *caldarius* ‘alimento líquido à base de água’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *lag-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*; forma dependente *de+o*; morfema lexical *cald-* + vogal de ligação *-e-* + morfema derivacional *-(i)rão*

Informações Enciclopédicas: A explicação deste topônimo advém da história de um homem chamado José Camilo Pereira da Fonseca, mais conhecido como seu Cazuzá. Ele era um vendedor de cachaça de engenho e rapadura. Conforme o relato de Ataíde, bisneto de Cazuzá, seu bisavô vinha com burros carregados, desde a região de Boca da Mata para Palmeira dos Índios. Ao chegar no lugar, hoje conhecido como povoado Lagoa do Caldeirão, Cazuzá achou que ali era uma boa região para se estabelecer, pois acabara de ficar viúvo e com oito filhos para criar. Juntamente com ele também vinha a sua irmã, Josefa Barbosa da Silva, conhecida como dona Sinha, esta, por sua vez, trazia dez filhos consigo. Nesta região existia uma lagoa, que até hoje pode ser notada no povoado, e nesta mesma lagoa existia uns pés de caldeiro que é um tipo de vaso para se retirar água. Quando os animais estavam com sede, Cazuzá dizia aos seus filhos e sobrinhos: “vão dar água aos animais naquela lagoa que tem uns pés de caldeirão”. A partir disso, virou um costume chamar aquele local de lagoa do caldeirão, nome este que perdura até os dias de hoje. Os

filhos de seu Cazuza e de dona Sinha casaram-se entre si e a partir daí se originou o povoado que conhecemos hoje.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Neste caso (04), a motivação toponímica é a vegetação local. Daí a caracterização do nome do povoado Lagoa do Caldeirão na taxa dos fitotopônimos. Como afirmam os relatos dos moradores mais antigos, nesta região existia uma lagoa, que até hoje pode ser notada no povoado, e nesta mesma lagoa existia uns pés de caldeiro que é um tipo de vegetação em forma de vaso para se retirar água.

Já no caso seguinte (05), temos a categoria toponomástica doszootopônimos, representando as características zootopônicas da diversidade da fauna local, no caso em tela, a variedade de pássaros e seus cantos, deixando marcas linguísticas na toponímia do povoado.

05 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DE LAGOA DO CANTO

Taxionomia: Zootopônimo; **Topônimo:** Lagoa do Canto.

Etimologia: *sm.* Do lat. XIII *lacuna, de lăcus* ‘porção de água circundada por terras’ + *sm.* Do lat. XIII de *cantus, ūs*, ‘som musical produzido pela voz do homem ou de outro animal’. (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *lago-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*; forma dependente *de+o*; morfema lexical *cant-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*.

Informações Enciclopédicas: O relato oral de dona Aurelina Fernandes de Souza, de noventa e dois anos, moradora que nasceu na comunidade, relata que no povoado sempre teve uma lagoa e nesta se encontrava vários pés de árvores denominadas de braúnas que formavam uma mata enorme. As aves da região costumavam dormir naquelas braúnas e começavam a cantar de madrugada. Por causa desta cantoria, os primeiros moradores colocaram o nome de Lagoa do Cântico devido ao cantar das aves. Como as pessoas não conseguiam pronunciar o nome cântico, foram pronunciando Lagoa do Canto, a qual se conhece até esta data.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No processo de ocupação humana, aspectos naturais como: flora e fauna se revelam meios importantes na observação dos estudos das motivações toponímicas, dado o seu caráter referencial, na medida em que retratam o meio ambiente, podendo influenciar e/ou condicionar, muitas vezes, o ato de nomeação espontânea como foi demonstrado nos casos (04) e (05) analisados neste estudo.

Já quanto aos aspectos antropoculturais, destacamos que a religiosidade em Alagoas é algo marcante e que podemos observá-la, dentre outras formas, pela toponímia dos nomes de povoados. Os casos (06) e (07) a seguir, são registros de nomes próprios relativos à crença religiosa em função onomástica.

Melo (2013, p.64) explica-nos que na prática de nomear de lugares a partir de hagiotopônimos ocorreu “o processo de deslocamento de topônimos portugueses para nomear municípios alagoanos denominados anteriormente com nomes indígenas dos primitivos habitantes”. Isso indica, uma sobreposição toponímica, em que se impõe um dado nome em detrimento de seu topônimo primitivo.

06 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DE RIACHO SANTO

Taxionomia: Hagiotopônimo; **Topônimo:** Riacho Santo.

Etimologia: *sm.* Do cast. XVI *riacho* ‘curso de água natural; adj. Do lat. XIII *sanctus*, -a, -um ‘sagrado, ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’. (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *riach-* + morfema gramatical classificatório vogal temática -o; morfema lexical *sant-* + morfema gramatical classificatório vogal temática -o.

Informações Enciclopédicas: primitivamente era o povoado era chamado de Riacho Fundo de Cima, por causa do riacho que passa na localidade e de sua profundidade. Segundo a história popular, o que ocasionou a mudança foi a passagem de Frei Damião pelo povoado. O líder religioso abençoou o local e modificou para Riacho Santo abençoando de fato, aquela região que estava muito violenta em determinada época. No dizer de Maria de Lourdes, moradora antiga do povoado, foi uma bênção o Frei ter mudado o nome, pois antes só se via confusões, roubo, etc. e depois dessa mudança tudo mudou para melhor, conforme relata a moradora, o nome do povoado é a relação entre o riacho que corta a comunidade e a bênção de Frei Damião, santificando a comunidade.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

No caso (06), temos uma mudança por substituição espontânea, resultante do uso popular, de um dimensiotopônimo: Povoado Riacho Fundo, de motivação de ordem física, para um hagiotopônimo: Riacho Santo na designação do povoado em tela.

Com efeito, evidenciamos assim a materialização do discurso religioso por meio da presença do topônimo de natureza antropocultural que faz alusão ao sagrado, àquele que vive segundo os preceitos religiosos, à lei divina. Ao nosso ver, isso pode justificar, sobretudo, a tradição religiosa do povo nordestino, refletida numa relação simbólica no léxico toponímico ligadas às características e especificidades do processo histórico de formação do estado de Alagoas.

07 - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DE SANTO ANTONIO

Taxionomia: Hagiotopônimo; **Topônimo:** Santo Antônio.

Etimologia: *adj.* Do lat. XIII *sanctus*, *-a*, *-um* ‘sagrado, ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’. (CUNHA, 1986); *sm.* Do lat. *antoni*, que por sua vez origina-se do gr. *antónios*, ‘valioso, inestimável, digno de apreço’. Há estudos, ainda, que sugerem que o nome Antônio tenha vindo do grego *antheos*, que quer dizer ‘alimentado de flores’.

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *anton-* + morfema gramatical aditivo de gênero *-(i)o*; morfema lexical *sant-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*.

Informações Enciclopédicas: o núcleo de povoamento inicial era denominado de sítio ou povoado Gavião. Segundo alguns depoimentos de populares, na região haviam muitos gaviões, pássaro típico do Nordeste, daí a motivação dos primeiros moradores como Alfredo Caetano, João Messias, Ludugério Amâncio, além de outros, nomearam aquela localidade de povoado de Gavião. Ao passar do tempo surge um novo nome, agora povoado Santo Antônio, o qual permanece até os dias atuais. De acordo com Verônica, este novo nome surgiu, porque o Bispo Dom Otávio Aguiar não gostava do nome Gavião. Então, como o Santo Antônio já era o padroeiro e as pessoas eram devotas do Santo, o Bispo sugeriu a troca do nome Gavião por Santo Antônio. Os moradores, por sua vez, aceitaram de imediato e solicitaram junto ao prefeito da cidade a troca dos nomes. Desse modo, temos hoje o conhecido povoado Santo Antônio.

Fonte: Relato oral. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. **Dicionário de nomes próprios:** significado dos nomes. Disponível em: <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/antonio>.

Neste caso (07), diferentemente do caso (06), temos uma mudança por substituição sistemática de um zootopônimo: Povoado Gavião para um hagiotopônimo: Povoado Santo Antônio na designação do aglomerado rural, fruto da sugestão da autoridade religiosa e aceita pela comunidade. No caso em tela, segundo relato de moradores, este novo nome surgiu, porque o Bispo Dom Otávio Aguiar não simpatizava com o antigo nome Gavião. Então, sugeriu o topônimo Santo Antônio, nome do padroeiro da localidade.

Em termos de sua funcionalidade narrativa, esse fato toponomástico sinaliza, mais uma vez, para a inter-relação línguo-cultural na configuração semântica dos nomes de referências religiosas, em cujas análises transpareceram, aspectos da fé do alagoano correlacionados ao grupo humano da região na qual está inserido o núcleo do povoamento.

Um ponto interessante a ser refletido, quanto ao registro dos hagiotopônimos (06) e (07), é o fato de que, pelo menos em nível toponímico, embora vivamos em um Estado Laico e os cultos religiosos de matriz africana e/ou outros cultos autóctones estarem presentes em nossa herança cultural, não registramos topônimos que fazem referências às

manifestações religiosas africanas ou afro-brasileiras, como também às religiões autóctones indígenas.

Sendo assim, destacamos a total hegemonia da religião católica, da crença do colonizador europeu, na representação simbólica de nomes de lugares alusivos à fé e à proteção divina.

Análise quantitativa

Tabela 1 - Incidência de topônimos por taxionomia na toponímia de povoados de Palmeira dos índios/AL

Topônimo	Taxionomia	Quant.	Percentual
Bonifácio	Antropotopônimo	01	14,28%
Santo Antonio Riacho Santo	Hagiotopônimo	02	28,58%
Coruripe da Cal Lajes do Caldeirão	Litotopônimo	02	28,58%
Lagoa do Canto	Fitotopônimo	01	14,28%
Lagoa do Caldeirão	Zootopônimo	01	14,28%
Total	>>>>>>	07	100%

A partir da tabela 1, destacamos que foram registrados 5 (cinco) categorias toponomásticas no léxico toponímico dos povoados do município de Palmeira dos Índios/AL, enquadradas nas seguintes taxies: Antropotopônimo, Hagiotopônimo, Litotopônimo, Fitotopônimo e Zootopônimo.

De acordo com os dados, podemos afirmar que as motivações mais recorrentes para a escolha dos nomes dos povoados foram aspectos de natureza física, dentro deste grupo a constituição mineral do solo da região (representada no léxico pelos litotopônimos) e aspectos de natureza antropocultural, a religiosidade (representada no léxico pelos hagiotopônimos) do aglomerado rural a ser nomeado.

E ainda, no que diz respeito às estruturas mórficas dos nomes, observamos pouca produtividade lexical de topônimos simples, na verdade, houve apenas 1 (um) registro de desse tipo de estrutura: Povoado Bonifácio; deferentemente da produtividade dos compostos com 6 (seis) casos registrados, conforme a Tabela 1 acima.

É interessante destacarmos que nos sintagmas toponímicos, o segundo elemento linguístico (o topônimo propriamente dito) exerce uma função restritiva, por exemplo: Lagoa do Canto, do Caldeirão, Riacho Santo. Podendo ligar-se ao primeiro elemento de forma mediata ou imediatamente, ou seja, com ou sem o auxílio de conectivo; o processo de adjetivação é um recurso linguístico importante nesse tipo de sintagma toponímico. Pois, há um acréscimo semântico na significação básica do elemento nuclear.

Quanto à origem, registramos elementos específicos compostos e híbridos, atribuímos a diversidade etimológica aos contatos interlinguísticos ocorridos durante o processo de formação da língua. Com efeito, foram detectadas unidades léxicas de étimos: latinos, gregos, castelhanos e tupi.

Considerações finais

Os aspectos abordados no presente artigo, envolvendo a história línguocultural dos topônimos atribuídos aos 7 (sete) povoados constitutivos do município de Palmeira dos Índios, conforme o Censo Demográfico 2010 do IBGE, cidade do agreste alagoano, permite-nos tecer algumas considerações finais.

Após as análises, podemos afirmar que a história dos povoados da cidade de Palmeira dos Índios/AL, não apresenta documentação escrita suficiente para o estudo da origem de seus topônimos e suas motivações. Sendo assim, essas informações são, geralmente, recuperadas por meio da tradição oral.

Quanto às escolhas lexicais para estes aglomerados rurais, atestamos que a permanência e/ou a mudança de nomes de povoados alagoanos são resultados de uma representação intencional, na qual um sujeito-nomeador procura impor na atividade linguística uma demarcação de domínio, de posse, de identidade consubstanciada no signo toponímico a ser interpretado e compartilhado pela/na comunidade. Nesse sentido, o topônimo do povoado se revela uma (re)criação, com suas (re)significações que carrega algo da alma do nomeador local, sendo então diferente de qualquer outro nome usado no léxico geral desses grupos sociais.

No âmbito das mudanças toponímicas, registramos casos de mudanças por substituições espontâneas, resultante do uso popular, que se deu por eliminação do nome antigo por outro, por exemplo o Povoado Riacho Fundo para Povoado Riacho Santo; como também casos de mudança sistemáticas, fruto da imposição de autoridades ou de sugestão acatada pelas autoridades; por exemplo, Povoado Gavião para Povoado Santo Antônio. Em ambos os casos, o centro de força para a mudança foi a Igreja. Entendemos, que essa

característica, ainda é remanescente da tradição de devoção aos santos enraizada nos povoados alagoanos, à época, dos nascentes povoados.

É interessante apontarmos que a relação entre a intencionalidade do nomeador e a interpretação da comunidade não é estabelecida naturalmente, mas apenas mediada pelo signo toponímico tal como ela o percebe, inserido em um dado contexto situacional, dentro da cultural em que vivem.

Quanto às motivações, ressaltamos que os topônimos dos povoados aqui estudados são decorrentes não de um único determinante, mas da convergência de vários fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes, com efeito, eles apresentaram sempre uma motivação de natureza física ou antropocultural, dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção, ou seja, a motivação envolve uma complexa interação das condições do homem e do ambiente total em que se encontra.

Seguindo essa linha de pensamento, notamos que o denominador ao escolher um determinado nome de povoado em Alagoas, num processo seletivo, não o faz aleatoriamente, sem que este topônimo, de certa forma, não tenha para ele um significado, uma importância e que reflita aspectos peculiares do lugar: físicos, históricos, políticos, culturais.

Por fim, podemos apontar que, semanticamente, os topônimos nomearam os povoados de duas maneiras: i) de forma descritiva – a partir de suas características objetivas mais relevantes, por exemplo: Coruripe da Cal, Lagoa do Caldeirão ou ii) de forma metafórica, ou seja, de modo subjetivo por associação, por exemplo, aspectos atribuídos ao lugar pelo nomeador: Riacho Santo, Bonifácio.

Referências

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31-03-2016.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**. São Paulo, n.56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. **A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo: 1554-1897.** São Paulo: Annablume, 1996.

_____. **Atlas toponímico do Mato Grosso do Sul.** 2007. In: Revista TRAMA. Vol. 3 Nº 5 1º semestre de 2007, p.141-155.

DORION, Henri. Lesrelations entre latonymie et lesautresciences sociales. **450 ans de noms de lieuxfrançais enAmeriqueduNord.** Québec: LesPublicationsdu Québec, 1984, p. 103-108.

ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. 3. ed. amp. atual. e ver. Carlos Alberto Pinheiro Mendonça. Instituto Arno de Mello. Leonardo Simões. Coordenador geral - Maceió. Núcleo de Projetos Especiais. 2012, 540 p. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/525211-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas/>>. Acesso em: 17-05-2016.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul:** processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. 2 ed. rev. e aum. Caxias do Sul: Educs, 2009.

MELO. P. A. G. de. Hagiotopônimos: a presença religiosa no léxico toponímico municipal alagoano. In.: **Revista Letrando**, v. 3 jul./dez. 2013. 60-75 p.

_____. Educação e Linguagem: uma interlocução possível entre o léxico toponímico e o dicionário escolar enciclopédico. In.: **Revext:** Revista de extensão da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. v. 01 n. 01, Arapiraca :Eduneal. 1015. 39-52 p.

SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia em Venezuela.**Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

TAVARES, MarineideCassuci.; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos: Um Estudo na Toponímia Sul-Mato-Grossense. In.: **SIGNUM:** Estud. Ling., Londrina, n. 9/2, p. 273-288, dez. 2006

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi:** significado dos nomes geográficos de origem tupi. Brasil: Traço, 1985.